

Esquerdas e projeto democrático-popular nas décadas de 1970 e 1980: vozes do novo trabalhismo brasileiro

Américo Freire (FGV/CPDOC/Brasil)

Para amplas parcelas das esquerdas brasileiras e hispano-americanas, a segunda metade dos anos 70 e a década seguinte foram marcadas por uma profunda revisão político-doutrinária, processo esse que teve como eixo central a formulação de projetos democráticos-populares que pudessem fazer frente à hegemonia liberal-conservadora, em franca ascensão após a retirada dos militares do poder. No caso brasileiro, três foram as principais estratégias das esquerdas para o enfrentamento desse desafio, a saber.

Uma delas, levada a cabo pelos partidos comunistas, foi a de manter o apoio à uma frente de centro-esquerda que deveria cumprir o papel de ser responsável pela condução de um processo não violento e seguro de democratização do país, buscando-se com isso promover o isolamento de remanescentes dos governos militares e da direita, além de neutralizar possíveis ações mais radicais da extrema-esquerda.

Uma segunda, comandada por lideranças sindicais e por ex-militantes de extrema esquerda, apostou na criação de um partido de esquerda em bases novas, sem os chamados vícios da esquerda tradicional e sem o peso da experiência populista. Esta iniciativa deu origem à criação do Partido dos Trabalhadores (PT), agremiação que se encontra no poder desde 2002.

Finalmente, uma outra vertente apostou na possibilidade de retomar a trajetória do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), uma agremiação de ampla força junto aos sindicatos e demais meios populares urbanos nos anos 50 e 60. Para reconstruir a legenda, foi adotada a estratégia de reunir em torno da figura de Leonel Brizola, então líder-mor do trabalhismo, antigas e novas lideranças políticas, oriundas de diferentes legendas e organizações. Daí originou-se o Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Nos últimos anos, no âmbito de um programa de pesquisas que tem como objeto o estudo das relações entre as esquerdas e a construção democrática no país, tenho me dedicado a explorar alguns aspectos da trajetória de Leonel Brizola e do novo

trabalhismo brasileiro das décadas de 1970 e 80. Duas são as linhas de investigação: uma delas dirige-se ao estudo de questões político-doutrinárias que dizem respeito à elaboração e à reelaboração do projeto trabalhista brasileiro no contexto da travessia do regime militar-autoritário para o estabelecimento de um regime civil de base democrática. Para os trabalhistas, estava posto o desafio de manter o equilíbrio entre a defesa da tradição do projeto nacional-estatista das décadas 50 e 60 e o necessário processo de *aggiornamento* do partido e de sua principal liderança, tendo em vista as fortes relações políticas estabelecidas, desde meados dos anos 70, com o socialismo democrático europeu organizado em torno da Internacional Socialista. Já uma outra linha de pesquisa, refere-se ao exame de políticas públicas formuladas e conduzidas pelos trabalhistas nos dois governos de Leonel Brizola no Rio de Janeiro (1983-1987 e 1990-1993).

Para o desenvolvimento das pesquisas, além de poder contar com a expressiva produção historiográfica recente sobre as esquerdas em geral¹ e sobre o novo trabalhismo em particular²,tenho colhido depoimentos com militantes que, em determinadas conjunturas, formaram com Brizola e com essa corrente política.

Neste texto, é meu objetivo explorar trechos de quatro desses depoimentos com vistas a levantar algumas reflexões acerca das razões pelas quais se processou a aproximação de variadas forças e lideranças das esquerdas brasileiras com o trabalhismo. Para lidar com esse tema, estabeleci como critério dividir as entrevistas em dois grupos. No primeiro deles, examino depoimentos de militantes que se aproximaram do projeto trabalhista ainda no exílio e que não haviam tido qualquer ligação anterior com o antigo PTB. O outro grupo de entrevistas é composto por dois militantes de gerações diferentes que tiveram passagens pelo antigo trabalhismo. Ao concluir, comento, de forma breve, algumas questões relativas à construção do objeto e ao uso da metodologia de história oral.

Ecos de Lisboa

Começamos pelos depoimentos de dois exilados: Alfredo Sirkis e Chizuo Osava. Ambos fizeram parte do autodenominado “Grupo de Lisboa”, ou seja, a reunião de militantes brasileiros oriundos de diferentes organizações das esquerdas que estiveram juntos com Leonel Brizola tanto na “refundação” do trabalhismo no exterior – cujo

marco-fundador foi o “Encontro de Lisboa” – como também, já no Brasil, na criação do Partido Democrático Trabalhista.³

Durante a fase mais dura do regime militar, Sirkis e Osava militaram na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), uma das principais organizações comunistas revolucionárias brasileiras que estiveram envolvidas em confrontos armados contra o regime militar. Exilados no Chile e depois em Portugal, exerceram atividades profissionais na área de comunicação, seja em jornais e revistas, seja em agências de notícias. Sirkis, ao chegar ao Brasil, manteve ainda por algum tempo os vínculos com Brizola e com o PDT. Em meados da década de 80, foi um dos fundadores do Partido Verde, do qual, ainda hoje, é uma das principais lideranças.⁴ Já Osava, depois de desembarcar no Rio de Janeiro, acompanharia Brizola e o trabalhismo nos anos 80, sem, contudo, manter vínculos orgânicos com o PDT. Na década de 90, terminou por retirar o apoio ao partido, mantendo-se afastado de quaisquer atividades partidárias.⁵

Ainda que haja vários elementos comuns na trajetória dos dois entrevistados, há algumas nuances interessantes em seus depoimentos quanto à adesão ao projeto político trabalhista. Vejamos.

Para Sirkis, o apoio a Brizola e ao trabalhismo era uma oportunidade de recomeço da luta política em outras bases. Diz ele:

“Brizola chegou moderadíssimo em Lisboa. Nós percebemos, naquele momento, que havia a oportunidade de se criar um partido de corte social-democrata, socialista, usando como esteio o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro. Dessa feita, nós que havíamos embarcado naquela experiência da esquerda radical, que tem componentes próximos ao populismo, tentamos ajudar a produzir uma nova síntese, uma ‘terceira coisa’, que deveria ser uma social-democracia moderna. (...) Ficamos muito animados quando vimos o Brizola caindo de cabeça na Internacional Socialista.”

Em seu depoimento, Sirkis chama a atenção para a importância da proximidade física com Brizola para que ele e outros membros do “Grupo de Lisboa” se engajassem no “novo trabalhismo”. Diz:

“O Brizola nessa época era extremamente sedutor, muito engraçado e muito disponível. Depois, ele mudaria completamente. À época, era disponível para escutar, para ouvir, para debater; e ele, com aquele magnetismo pessoal, contando aquelas histórias, jogou uma teia e seduziu todo mundo lá. O pessoal de Paris, talvez até pela distância e por não ter esse contato pessoal com Brizola, começou a meter o cacete nele e na gente. ‘Que absurdo! Viraram Brizolistas, e não sei o que...’. Ai foi um patrulhamento generalizado em cima da gente.”

Para o entrevistado, ele e o seu grupo deveriam não apenas aderir ao projeto trabalhista. Mais do que isso: tinham como objetivo influir diretamente na linha geral do partido, contando para isso com o apoio e o respaldo de Brizola. Segundo Sirkis, “Nós víamos que havia um grande líder, que era o Brizola, grande líder popular. Nós éramos os “luas-pretas” do líder, os conselheiros, os modernizadores, os caras que iam colocar o Brizola na modernidade social-democrata.”⁶

Chuzou Osava segue por caminhos um pouco diferentes ao relatar as condições que o levaram a formar com o trabalhismo. Em sua entrevista, chama atenção para um momento-chave de sua trajetória que o levou a colocar por terra suas ilusões em torno de projetos revolucionários: a experiência que ele e a mulher, Maria do Carmo Britto, ex-dirigente da VPR, viveram em Angola nos anos de 1976 e 1977. Diz ele:

“Aí é que foi a transformação da cabeça da gente. Lá, é uma realidade tão brutal... Quem continuar marxista na África é porque não tem jeito mais. (...) A minha conclusão foi: os caras viviam aqui em tribos; vieram os jesuítas e transformaram a cabeça dessa gente toda, meteram aí Santo Antônio, São João, São Pedro e o evangelho na cabeça do pessoal, e agora vêm os marxistas e trazem mais uma loucura e põem na cabeça do africano. Não tem jeito, é o caos total”.⁷

Depois da experiência angolana e no retorno a Portugal, Osava e Maria do Carmo, ao lado de envolverem-se nas atividades do Comitê Pró-Anistia Geral no Brasil, começaram a participar de discussões políticas junto ao “Grupo de Lisboa” em que o tema da revolução já se encontrava superado. O grupo discutia a construção de uma alternativa política coerente com a realidade brasileira. Diz ele:

“Nós começamos a ver que falávamos todas aquelas coisas, utilizávamos todos aqueles conceitos, mas a sociedade se move sob outras leis. A realidade é outra. Aí, chega o Brizola em Portugal e começa conversar com a gente. Vem sem aquelas teorias. Começa contar a vida dele: menino de rua em Porto Alegre, acolhido por família protestante, ... essas coisas.”

Para Osava, a opção pelo trabalhismo tinha a ver, em primeiro lugar, com as condições históricas da sociedade brasileira. Segundo ele, uma opção democrática deveria levar em conta uma ampla participação popular, rompendo com o vanguardismo, como também com qualquer tipo de instrumentalização política típica do Partido Comunista. Diz:

“Você tinha de incorporar os setores não organizados e foi essa ideia inclusive que levou o pessoal a optar pelo PTB, por que era um partido capaz de dar voz aos setores não organizados, aos marginalizados. A sua história levava a isso. Alguns chamam de populismo, mas no *Brasil você não tem saída* (grifo meu). A sociedade organizada no Brasil é uma minoria. E é privilegiada, na medida em que ter um emprego formal é um

enorme privilégio no país. Então, você tinha de dar voz a isso. Você tinha de criar os movimentos sociais...”

Os trechos dos depoimentos de Sirkis e Osava são bons exemplos do clima de expectativa e esperança que marcaram o fim dos anos 70 e o começo da década seguinte no Brasil e em muitos outros países da América Latina. Para ambos, o trabalhismo, em um determinado momento, representou a ponte para a construção de uma alternativa política nacional própria, original, brasileira, uma “terceira coisa”, como registrou Sirkis. Para este, Brizola e o trabalhismo representariam o passaporte brasileiro para uma Europa civilizada e democrática, sob a égide dos “novos convertidos”, dos intelectuais que iriam “educar” o *caudilho* Brizola.

Já para Osava, não havia mais espaço para qualquer instrumentalização, nem dos sindicatos, nem do povo e nem do líder trabalhista, como previa Sirkis. Quando se examina em mais detalhes seu depoimento, percebe-se em suas palavras um nítido distanciamento não apenas da doutrina ou das práticas do marxismo revolucionário, mas também – e fundamentalmente – da política formal, da política dos partidos. Daí, talvez, sua adesão muito circunstanciada a Brizola e ao trabalhismo.

PTB e PDT

Passemos agora a nos deter em trechos de depoimentos de dois militantes oriundos do campo trabalhista: José Talarico e Celso Frazão. Nascido em 1915, Talarico foi membro da corrente histórica da legenda, chegando a manter relações políticas próximas com figuras-chaves do partido como os ex-presidentes da República Getúlio Vargas e João Goulart. Como boa parte dos trabalhistas, teve os direitos políticos cassados pelo regime militar por dez anos, período esse que estabeleceu contatos frequentes com líderes da legenda no exterior, seja João Goulart, seja Leonel Brizola. Em 1979, esteve presente no “Encontro de Lisboa”, tendo tido presença destacada nos debates que se desenvolveram em torno da linha programática do “novo trabalhismo”. Em 1980, depois de breve afastamento da legenda por opor-se às disputas que marcaram a refundação do partido, terminou por formar com Leonel Brizola e o Partido Democrático Trabalhista (PDT). Em fins dos anos 80, afastou-se do PDT e da luta partidária.⁸

Celso Frazão é bem mais novo: nasceu no Rio de Janeiro em 1944. Iniciou sua militância política no começo dos anos 60 como líder estudantil. Em 1962, filiou-se ao

PTB e participou da campanha vitoriosa de Leonel Brizola para deputado federal pelo Estado da Guanabara. Nos anos 60, depois do golpe militar de 64 e da extinção do PTB, manteve uma atuação política independente, optando por manter certo distanciamento tanto da legenda oposicionista oficial – o Movimento Democrático Brasileiro – , como de organizações de extrema-esquerda, as quais à época estavam a recrutar dezenas de jovens nos movimentos estudantil e sindical. Em fim dos 70, foi um dos responsáveis pela criação de uma entidade que reuniria, no Rio de Janeiro, um conjunto de militantes das esquerdas que tinha como objetivo influir na refundação do trabalhismo brasileiro: era o Centro de Mobilização Trabalhista. Desde então, Frazão mantém vínculos orgânicos com o PDT e o novo trabalhismo.⁹

Por ordem de idade e justiça, começamos pelo depoimento de Talarico. Em razão dos seus antigos vínculos com o PTB, pode parecer ocioso verificar as razões pelas quais o entrevistado formou com a nova legenda trabalhista. Ocorre, porém, que a história não é assim tão simples. Como dissemos acima, Talarico era membro de uma “velha guarda do trabalhismo” que terminou por se dividir quando da disputa pela sigla do PTB: uma parte deles ficou com o PTB oficialista e mais conservador, liderado por Ivete Vargas – sobrinha de Getúlio Vargas –, e outros ficaram com Leonel Brizola e o PDT, de perfil mais à esquerda e oposicionista. Segundo Talarico:

“Em virtude da desavença que houve, eu não quis participar da formulação do PTB e acabei não ficando nem de lado, nem de outro: não firmei o pedido de registro elaborado pelo Doutel [de Andrade], bem como não quis assinar o da Ivete. [considerava] que a divisão do partido seria um desastre inexplicável, contribuindo para o enfraquecimento do trabalhismo. Eu estava com 28 prisões, havia feito todo o tipo de sacrifício, achei que aquele não era o meu ideal.”

Pouco tempo depois, porém, nosso entrevistado, com a mesma convicção, justifica o seu ingresso na legenda de Leonel Brizola. Para isso, alega razões de natureza ideológica. Vejamos:

“Apesar de não atacar a Ivete, eu considerava que o PTB que ela havia formado era um partido consentido pelo regime militar. Consequentemente, eu, que havia sido atingido pela repressão, tivera os meus direitos políticos suspensos e o mandato cassado, fora afastado do serviço público e da presidência de entidades de classe, não poderia aderir. Não podia! E aliei-me ao Brizola para organizar o PDT.”

Durante os anos 80, Talarico participaria da construção da legenda e da campanha eleitoral que elegeu Brizola governador do Rio de Janeiro (1983-1987). À época, foi eleito deputado estadual pela legenda, tendo sido escolhido líder do governo Brizola no

Legislativo Estadual. Em 1987, Brizola e Talarico entraram em rota de colisão, o que fez com que o último abandonasse a legenda. No “novo trabalhismo”, Talarico era a expressão de um tipo de liderança e de um modo de fazer política que não se coadunaria com o estlo verticalizado imposto por Leonel Brizola, muito pouco afeito ao jogo legislativo.

Celso Frazão foi um tipo de militante político bem próprio dos anos 60 e 70 no Brasil, haja vista a sua posição de independência e equidistância entre os diferentes grupos que compunham as nossas esquerdas. Crítico da experiência da luta armada, reúne-se, no começo dos anos 70, a militantes de variadas tendências das esquerdas para apoiar candidaturas de líderes do oposicionismo legal, entre os quais Lysâneas Maciel. Em meados da década, junto com Lysâneas e muitos outros, criou o Coletivo Socialista, mais tarde transformado em Centro de Mobilização Trabalhista. Sobre essa experiência, Frazão registra que:

“Eu sou chamado para as reuniões. Ali, não tinha nenhuma filiação, não tinha que preencher nenhuma ficha, não tinha que me submeter a nenhum estatuto. Eu achava aquela burocracia partidária extremamente autoritária. Eu e outras pessoas. Foi essa característica livre desse grupo que me interessou.”

Frazão, no entanto, via o Coletivo como uma entidade temporária. Para ele, não havia dúvida quanto ao objetivo da entidade. Diz

Tinha de tudo ali. Sabíamos, por outro lado, que o caminho não era aquele, tínhamos de fundar um partido, o PTB. Eu já tinha sido filiado ao PTB. Minha família era trabalhista, minhas raízes eram aquelas. E ali eu vi que podia retomar minhas raízes. Quantos anos depois? Sei lá, treze anos...

Para Frazão, assim para outros membros de sua geração reunidos em torno do Coletivo, a retomada da militância trabalhista não se deu sem conflitos. Em seu depoimento, nos relata, por exemplo, os conflitos de contornos político-ideológicos que se processaram entre dirigentes do Coletivo e figuras-chave dos “históricos”, tais como José Talarico, entre outros. Enquanto que para os primeiros o “novo trabalhismo” deveria caracterizar-se como uma agremiação de nítido caráter socialista e de esquerda, para os “históricos” era fundamental que o partido mantivesse uma posição política menos ideológica e mais afeita à herança do antigo PTB, cujas marcas foram a defesa do nacionalismo e do trabalhador. Para o entrevistado, cabia ao líder-mor da legenda, Leonel Brizola, arbitrar as relações entre as “mãos esquerda e direita” do partido, seguindo uma antiga tradição que remontava aos tempos de Getulio Vargas.

Dos quatro entrevistados, Frazão foi o único que continuou a manter vínculos com o PDT. Em seu depoimento, desferiu algumas críticas a dirigentes partidários, além de analisar algumas razões pelas quais o partido terminou por perder consistência política nos anos 90. Por outro lado, relata com certa dose de saudade os tempos do Coletivo Socialista, vistos por ele como uma experiência original e rica do ponto de vista pessoal e político. Em nenhum momento, menciona qualquer intenção de “abandonar o barco.”

Trabalhismo, esquerdas e depoimentos orais.

Os breves trechos acima apresentados nos sugerem algumas questões e possibilidades de análise. Vejamos.

Em primeiro lugar nos mostram a variedade de razões políticas e pessoais que levaram quatro militantes das esquerdas a integrar-se no projeto trabalhista. Para dois deles, remanescentes da luta armada, a opção por aquele projeto político pressupôs, antes de tudo, uma profunda revisão acerca do que até então entendiam sobre o processo político brasileiro em geral e sobre a ação do trabalhismo em particular. Já para os outros dois entrevistados, o terreno a ser pisado era por demais conhecido, ainda que não se possa afirmar, pelos dados acima expostos, que o “novo trabalhismo” fosse mera continuação do “antigo”. Apenas a título de hipótese, sugiro que é possível pensar a dinâmica da construção do novo trabalhismo como uma justaposição dessas variadas expectativas e experiências.

Os depoimentos explicitam também certas dissensões que estiveram na base da construção da legenda, seja entre os exilados, seja entre os próprios trabalhistas, fossem eles “históricos” ou de uma geração mais nova. Vistos de forma mais ampla, é possível pensar nessas dissensões por meio de uma chave de análise diferente do que normalmente se faz quando se examina o chamado “liquidacionismo” das esquerdas, ou seja, a sua enorme e frequente tendência à fragmentação. Naquele contexto, o que se deu foi exatamente o contrário: os confrontos políticos não impediram que as esquerdas, no curso da redemocratização brasileira, se mostrassem capazes de contruir dois partidos populares e de massa: o PDT e o PT.

Finalmente, nos levam ainda a entender o quão fundamental tem sido o uso da metodologia da história oral para lidar com esse objeto. Nos últimos anos, não por acaso, na esteira da renovação dos estudos relativos ao papel das esquerdas na

construção da democracia brasileira, tem havido um significativo esforço por parte dos pesquisadores com vistas a explorar as potencialidades do método da história oral, seja em sua dimensão mais voltada para a obtenção de informações que não se encontram ainda disponíveis na documentação escrita, seja em sua dimensão teórico-metodológica, a qual estão associadas alguns das principais questões que marcam os estudos históricos nos dias de hoje, tais como as relações entre sujeito/objeto, memória/história, condicionantes/ação individual, abordagens macro/micro e etc.¹⁰

Notas

¹. Para cf. produção recente sobre a história da esquerda no período pós 64 ver, entre outros, Ferreira, Jorge e Reis, Daniel Aarão (org.) *Revolução e democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007 (coleção As esquerdas no Brasil, v. 3). Cf. ainda Ridenti, Marcelo e Reis, Daniel Aarão (org.) *História do Marxismo no Brasil. Vol. 6. Partidos e movimentos após os anos 1960*. Campinas, Editora Unicamp, 2007 e Araújo, Maria Paula Nascimento. *Por uma história da esquerda brasileira. Topoi*, Rio de Janeiro, set.2002. Para o estudo em particular das organizações revolucionárias cf. os estudos de Gorender, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo, Ática, 1987, de Reis, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo, Brasiliense, 1991, e de Ridenti, Marcelo. *O fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo, Editora Unesp, 1993.

². A respeito do novo trabalhismo, conf., entre outros, Ferreira, Marieta de Moraes (org.). *A força do povo: Brizola e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora FGV/Alerj, 2008, Freire, Américo. *Reconstruindo Brizola: a esquerda armada e o novo trabalhismo*. Rio de Janeiro, Anais do Seminário Sudeste de História Oral, 2007, Costa, Izabel Cristina Gomes da Costa. “PDT: o trabalhismo e o caminho brasileiro para o socialismo”. In: _____. *Em busca do paradigma perdido: as esquerdas brasileiras e a crise do socialismo real*. Niterói, Programa de Pós-Graduação em História da UFF, 2009, (tese de doutorado), Sento Sé, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1999, Vainfas, Ronaldo. “A luz própria de Leonel Brizola: do trabalhismo getulista ao *socialismo moreno*.” In: Ferreira, Jorge e Reis, Daniel Aarão. *Revolução e democracia (1964- ...)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007 (coleção As esquerdas no Brasil, v. 3).

³. Sobre o “Encontro de Lisboa”, conf. Sento Sé, João Trajano. “Um encontro em Lisboa”. In: Ferreira, Jorge e Aarão Reis, Daniel (orgs.) *Revolução e democracia (1964- ...)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007 (coleção As esquerdas no Brasil, v. 3).

⁴. Depoimento ao autor. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 16/01/2007.

⁵. Depoimento ao autor. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 01/12/2007.

⁶. A expressão “Luas Pretas” faz parte do vocabulário político brasileiro desde os anos 80 e refere-se à influência de intelectuais na condução de candidaturas de políticos profissionais.

⁷. Depoimento ao autor. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 01/12/2007.

⁸. Conf. trajetória de Talarico em *José Talarico: depoimento ao CPDOC*. Org. Americo Freire. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998 (Coleção Conversando sobre política).

⁹ . Depoimento ao autor. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 06/10/2009.

¹⁰ . Pela natureza deste texto, não faz sentido apresentar aqui vasta bibliografia sobre o uso método da história oral para a historiografia brasileira. Vale, porém, registrar algumas obras importantes pelo seu impacto junto aos pesquisadores brasileiros interessados no tema em tela. Conf., por exemplo, Camargo, Aspásia. “História Oral e Política”. In Ferreira, Marieta de Moraes (org.) *História Oral e multidiscipliridade*. Rio de Janeiro, Diadorim, 1994. Ver também Alberti, Verena. *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2007 e Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006. Conf. ainda excelente aplicação do método em Rollemberg, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro, Record, 1999.